



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UM PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA ESCOLA PÚBLICA: UMA LEITURA DE GÊNERO

José Luiz Ferreira; Guilherme Lima de Arruda

Universidade Federal de Campina Grande – zferreira@ufcg.edu.br/guipedagogia@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho, fruto de uma pesquisa realizado em uma escola da rede pública de Lagoa Seca, estado da Paraíba, buscou analisar a prática docente de um professor do sexo masculino na perspectiva de compreender diferenças e semelhanças com o trabalho desenvolvido por uma professora. Os procedimentos metodológicos foram orientados pela perspectiva qualitativa de pesquisa, utilizando como instrumentos para levantamentos de dados a observação e a entrevista. O aporte teórico esteve baseado nos estudos de gênero e masculinidade. Gênero e masculinidade são entendidos como construções sociais (LOURO, 1997; CARVALHO, 1998; FERREIRA, 2008; MIRANDA, 2011). A análise dos dados pontou elementos da prática do professor para entender a presença masculina na docência de crianças. Os resultados obtidos apontaram para a visibilidade de um professor que quebra paradigmas em torno da produção de conhecimento sobre o exercício da docência entre homens e mulheres. Apresentou formas de interagir, de agir e de ser próprias ao fazer pedagógico em sala de aula, algumas delas fora do paradigma social construído para o homem. As diferenças e semelhanças entre o trabalho desenvolvido pelo professor em relação ao trabalho desenvolvido pela professora sugere cuidados com as visões precipitadas atribuídas aos sujeitos em função das diferenças sexuais. Os estudos de gênero e mais ainda sobre masculinidade não fazem parte de modo incisivo das práticas pedagógicas na escola e no processo de formação dos professores e professoras.

Palavras-chave: prática docente – relações de gênero – homem professor – magistério infantil



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

O exercício da docência nos primeiros anos de escolarização de crianças tem na feminização uma de suas principais características. As mulheres ocupam quase todos os espaços das creches e escolas do ensino fundamental, principalmente até o 5º ano. Elas são as professoras, as merendeiras, as gestoras, as secretárias. Os homens ocupam alguns destes espaços, principalmente os espaços de vigilância, serviços gerais, sempre em menor quantidade. Ao que diz respeito ao interior da sala de aula, os homens são minorias, não ultrapassando a margem dos 2,1% na educação infantil e 8,8% no ensino fundamental (1º ao 5º ano), segundo dados do Censo Escolar de 2007 (INEP/MEC).

O objetivo desta pesquisa foi o de refletir o trabalho do professor em uma escola da rede pública de ensino. Queríamos compreender se havia diferenças e/ou semelhanças entre a docência exercida por homens e por mulheres nesse espaço de escolarização das crianças, afinal, tratar do professor do sexo masculino no ensino fundamental pode não ser uma novidade, considerando a sua participação nos anos finais, todavia, quando falamos deste professor nos primeiros anos que a criança chega à escola, o assunto merece outras considerações.

Apoiando-se na categoria gênero e entendendo-a como relacional, um dos aspectos dessa relação diz respeito ao trabalho das mulheres. O olhar para o trabalho do homem no magistério infantil¹ tem sempre como parâmetro as mulheres, em razão, sobretudo, da predominância destas nestes espaços de escolarização. Que características assume o trabalho do homem professor neste espaço? Que diferenças da professora o professor tem? A este, que se coloca como um sujeito fora do lugar, (CARDOSO, 2004) restou-nos o desejo de compreender a sua experiência em sala de aula.

A pesquisa foi realizada como uma necessidade de compreender o trabalho docente exercido por homens, uma vez que os estudos sobre a docência nos primeiros anos de escolarização das crianças tem se voltado para o trabalho da mulher. Incontáveis são as publicações que versam sobre o processo de feminização do magistério. Uma razão primordial para estudos e pesquisas

¹ Tomamos como significado de magistério infantil os campos de atuação referentes a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sobre este assunto diz-nos de perto, por exercermos ação direta como professor formador e aluno em processo de formação. O curso de Pedagogia que estamos diretamente vinculados qualifica professores e professoras para a Educação Infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Estudar, portanto, este tema se traduz como relevante considerando não apenas a presença de alguns homens², mas a presença constante de alunas das mais diferentes cidades do Estado da Paraíba.

Estando os homens em desvantagem numérica e, dependendo desta diferença, serão mais ou menos vistos como professores. Um dado que merece atenção é o de identificar nos pequenos municípios uma diferença menor entre o número de professoras e o número de professores. Quanto menor o município maior a visibilidade do professor do sexo masculino. Dados do censo de 2007 (INEP/MEC) mostram que o percentual de homens professores aumenta de acordo com os níveis de ensino. Para cada 100 professoras nas creches existem 2 professores do sexo masculino; no período pré-escolar esse número aumenta para 4 e nos primeiros anos do ensino fundamental tem-se, aproximadamente, 10 professores para cada centena de professoras.

Reconhecendo-se que esta pequena participação dos homens não inviabiliza reflexões sobre a sua presença na escola, uma vez que ela é real, procuramos refletir a experiência de um professor em uma escola pública, analisando-se aspectos de sua prática com base em estudos de gênero e de masculinidade.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa

Os procedimentos para a realização da pesquisa foram orientados pelos pressupostos da pesquisa qualitativa. A perspectiva qualitativa de pesquisa foca a compreensão do objeto pesquisado com base em informações que não estão pautadas em dados numéricos, mas nos diferentes modos de interpretação que levem em conta os sujeitos históricos e culturais. Para Malheiros (2011) essa modalidade de pesquisa busca entender os fatos pela visão do sujeito.

² Hoje o curso de Pedagogia da UFCG (Campina Grande) conta com seis alunos do sexo masculino.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE e ANDRÉ, 1986) apresentam cinco características da pesquisa qualitativa sobre os quais nos apoiamos. A primeira delas é ter o ambiente natural do pesquisado como o lócus da pesquisa. A segunda refere-se à descrição como a forma como os dados são apresentados; a terceira prioriza o processo em detrimento do produto; como quarta característica são consideradas as coisas que dão sentido à vida e, por último, os dados são analisados de modo indutivo.

A escola foi o local escolhido para investigar o fenômeno. Foram escolhidos um professor e uma professora, como sujeitos da pesquisa e sobre os quais incidiram as reflexões. A cada um foi solicitada a permissão para acompanhar o trabalho por um período de tempo, com a presença do pesquisador em sala de aula e nos espaços da escola. O objetivo principal das observações foi perceber elementos da experiência do professor e da professora suscetíveis à análise de gênero e masculinidade. As observações foram realizadas durante dois meses, num primeiro momento na sala do professor e no segundo momento na sala da professora.

As entrevistas só foram realizadas após um período de tempo destinado às primeiras análises do material coletado nas observações. O objetivo era identificar aspectos que poderiam ser ampliados ou mesmo incorporados a partir dos dados das observações.

Os dados coletados foram analisados na perspectiva de relacionar as falas dos entrevistados e os dados da observação com o objetivo da pesquisa, qual seja, o de analisar a prática do professor do sexo masculino numa escola da rede municipal de ensino em turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Os dados para análise foram coletados a partir da utilização das observações e das entrevistas. Com as observações pretendíamos descobrir características do trabalho docente exercido por homens, frente a características associadas ao trabalho desenvolvido por mulheres. Desta feita tomamos como sujeito da pesquisa não apenas o professor, mas também uma professora para, na realidade vivenciada pelos dois, analisar o trabalho desenvolvido por ele.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As entrevistas foram realizadas logo após análise dos dados coletados na observação, como forma de buscar informações complementares, caso fosse necessário. Optou-se por entrevistas semi-estruturadas e a utilização de aparelho de áudio.

A entrevista com o professor foi realizada na casa de um dos pesquisadores. A estratégia de fazer a entrevista fora do espaço da escola, por razões de tempo, não deu certo, de modo que na data prevista para a realização da entrevista a melhor opção foi o aconchego do lar de um dos pesquisadores.

A entrevista com a professora deu-se na própria escola em horário agendado com a mesma. Em termos de tempo a entrevista com o professor foi mais demorada. O procedimento adotado foi o de soltar a pergunta e deixar o professor falar o tempo que lhe era possível. Com a professora o tempo foi reduzido e não teve a desenvoltura que houve na entrevista com o professor. A professora apresentou resistência a conceder a entrevista. Com a insistência do pesquisador a entrevista foi marcada e realizada.

Os procedimentos para o tratamento dos dados deram-se inicialmente pela leitura cuidadosa e instantâneos debates a partir da observação, privilegiando-se enunciados que nos permitissem discutir a docência do professor. Deste modo, não priorizamos categorias específicas, mas elementos da prática do professor que nos remetem a uma discussão da masculinidade e da representação do homem na sociedade.

Discutindo os resultados da pesquisa

Os resultados a que chegamos podem ser vistos como uma forma de interpretar a prática pedagógica exercida por um homem em um lugar socialmente e culturalmente reconhecido como um espaço feminino. O diferencial da análise da docência do professor está no fato de que o lugar que ocupa está marcado como um lugar do gênero feminino. Segundo Louro (1997) a escola é



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

feminina porque, além de estar majoritariamente ocupada por mulheres, ter o espaço organizado por elas, a atividade é marcada pelo cuidado, pela vigilância. Mas também é masculina porque constitui-se um espaço de conhecimento e este, historicamente tem sido produzido pelos homens. As mulheres são maioria num espaço onde predominam ideias e valores do masculino.

Neste espaço atravessado pelas questões de gênero e com predominância do sexo feminino, são evidentes características que evidenciam implicações nas práticas pedagógicas. As opiniões a respeito dos papéis que a sociedade atribui ao homem e a mulher refletem no cotidiano escolar. Como o homem participa deste processo se a ele lhe são atribuídos estereótipos que se contrapõem às mulheres? Arruda e Ferreira (2012) dizem:

Aos homens estão associados valores e atributos que os fazem diferentes e muito mais do que isso, diferentes na dimensão de atributos considerados impróprios para a maioria das situações que enfrenta no trabalho escolar. Se as mulheres são meigas, carinhosas, os homens parecem ser identificados por características que vão de encontro a estas, ou seja, são duros, impacientes, não apresentam jeito para cuidar de crianças.

Será mesmo que os professores são rudes, impacientes, incapazes de ouvir as crianças? Apresentam dificuldades para estabelecer um campo de relações baseado no afeto, no respeito ao outro, em princípios éticos e morais adequados ao ambiente de uma instituição formadora?

De certo modo, sabendo que estes atributos são, em parte, reais e representados por parte dos homens, não estranharíamos caso encontrássemos esse perfil no professor pesquisado. Todavia, considerando que as relações sociais são também relações que se constroem no cotidiano, que recebem influências da história e da cultura onde os sujeitos estão inseridos, acreditamos que nem todos os homens possuem os mesmos modos de agir e de ser na sociedade.

A partir das primeiras leituras e discussões dos dados coletados durante a observação, já fomos percebendo que o professor quebrava alguns paradigmas. O primeiro deles foi a localização de termos que expressavam uma imagem diferente do ideal de masculinidade hegemônica³. A

³ Masculinidade hegemônica corresponde a um modelo de masculinidade que se coloca como superior e determina relações de subalternidade a homens e mulheres. Para Johnson (1997, apud Miranda, 2011, p.47), “[...] uma forma de particular de dominação na qual uma classe [ou grupo] torna legítima sua posição e obtém aceitação, quando não apoio irrestrito dos que se encontram abaixo:.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

palavra adoçar começou a aparecer nos relatos das observações, em oposição à palavra grossa veiculada pela professora.

Quando procuramos ouvir o professor a respeito do modo como ministrava suas aulas, sobretudo no que diz respeito ao comportamento dele e dos alunos, ele assim nos explicou:

Na sala eu procuro ser pai, professor, psicólogo, de tudo eu procuro fazer para que os conflitos que aconteçam na sala eles não levem para casa, **eu procuro adoçá-los** de uma forma que a raiva da criança não guarda mágoa, não guarda rancor, para ela tudo que aconteceu naquele momento se o professor usar um pouco de inteligência, e nós somos inteligentes, ele não deixa nada ir para casa. (depoimento do professor - grifos nossos)

Esse jeito de lidar com os problemas trazendo para si a responsabilidade pelos acontecimentos dentro da sala, chamou-nos a atenção pelo modo como trata os alunos e as alunas, estabelecendo uma outra relação com a gestão da escola e com os pais. Esse modo de agir, segundo o professor, tem produzido olhares diferenciados sobre si. Argumenta que existe um segredo que o faz agir deste modo. Os colegas de trabalho tentam descobrir esse segredo indagando-os como ele faz para resolver os problemas da sala sem levar nenhum problema à gestão da escola.

tem colegas que não sabe ter domínio, ter um segredo, começa, assim, faltar paciência com os alunos, bate de frente com os alunos, bate de frente com os pais dos alunos, ai acha que a gente que, no meu caso tem uns que ficam bajulando porque quer descobrir o segredo, mas eu não digo, eu digo eu não sei, vocês façam o papel de vocês ai, isso ai é uma rotina que todo dia professor tem.

Este professor se coloca no lugar do desconhecido se levarmos em consideração que apresenta atitudes e modos de ser e de agir considerados não naturais para um homem. Homens geralmente são sujeitos de comportamento grosso e a mulher meiga, compreensiva, paciente. O que nos tocou de perto foi ver estes papéis invertidos, pois ao conhecer o professor e seu jeito manso de ser professor, também encontramos uma professora que se diz grossa, cujo comportamento em sala de aula é muito mais rígido que o professor.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tomando como parâmetros esses atributos impingidos aos homens, é mister reconhecer que os mesmos se fazem presentes na sala de aula. O caráter de durão, agressivo, que imputa poder pode até ser uma regra geral, todavia nem todos enquadram-se nesses perfis. Os homens, como sujeitos de pouca visibilidade no cenário da docência, ainda não quebraram paradigmas que os colocam longe do entendimento histórico e cultural, ou seja, mesmo considerando sujeitos homens que não desenvolvem suas atividades docentes com este perfil, prevalece ainda a concepção de que eles não dispõem de recursos apropriados ao exercício da docência com crianças.

Os modos como homens e mulheres são vistos no cotidiano da vida não se alteram quando eles ou elas estão na condição de professor ou professora. Para Carvalho (1998) o ensino nos anos iniciais do ensino fundamental tem como característica uma visão maternal e feminina da docência, acentuando aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão em contrapartida àqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico. Essas duas visões de docência podem conviver nas figuras de docentes de ambos os sexos ou em docentes do mesmo sexo. Quando mais a escola apresentar uma docência centrada numa docência representa como maternagem, mas dificuldade terá de aceitar o homem educador.

Considerações finais

A análise da prática pedagógica do professor frente ao que socialmente é posto como regra para o ensino com crianças para o homem e para a mulher, mostrou-nos que não podemos atribuir ao professor ou a professora representações de suas práticas baseadas em aspectos biológicos e sexuais. Baseados nas categorias gênero e masculinidade como construções sócio-culturais, reconhecemos como importante entender a docência exercida pelos homens e pelas mulheres como construções sociais, que os sujeitos protagonistas são plurais, históricos, possuidores de histórias singulares.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As ideias acumuladas sobre as diferenças sexuais não devem ser congeladas ao longo do processo histórico como se em todas as sociedades e em todos os tempos elas existissem e não pudessem ser alteradas. Compreender as diferenças entre homens e mulheres não é o bastante. Louro (2000, p. 77), diz “o que nos interessa não é propriamente a diferença sexual, mas a forma como essa diferença é representada ou valorizada, aquilo que se diz ou que se pensa sobre a diferença”. Acrescentamos que a construção social destas diferenças tem determinado práticas tanto de discriminação quanto de superação do quadro de desigualdades entre as pessoas, sejam elas de qualquer sexo.

As práticas docentes no magistério infantil não devem ser representadas como territórios exclusivos das mulheres. A presença dos homens insere a necessidade de aprofundarmos os olhares para os sujeitos que as tornam efetivas. A própria presença deles na escola já denota um lugar de gêneros, masculino e feminino. As mudanças ocorridas nas últimas décadas em vários campos da sociedade, principalmente nos modelos de relações entre pessoas do mesmo e de sexos diferentes, vem exigindo a necessidade de convivermos com os diferentes, com as adversidades e com a diversidade.

Uma das conclusões a que chegamos diz respeito à necessidade de ampliação dos estudos de gênero na formação de educadores e nas escolas. Partimos do pressuposto de que muitos cursos de formação não tem aprofundado o debate sobre gênero e muito menos sobre questões da masculinidade. Isto reflete um campo de saber que se deixa de conhecer e de intervir com maior precisão, haja vista a ampliação dos estudos de gênero no Brasil a partir da última década do século passado.

O trabalho nos mostrou que é preciso não agir com atitudes e ideias preconcebidas, que é necessário conhecer o campo de atuação da docência em seus vários aspectos, com atenção principal a histórica da formação e da prática docente. Os homens não são sujeitos totalmente ausentes no cenário do magistério. Que se considere o afastamento da grande maioria e que se reconheça ao mesmo tempo a sua permanência.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Práticas docentes de homens não devem ser, a priori, concebidas como diferentes das práticas docentes das mulheres quando o elemento aglutinador estiver relacionado às diferenças sexuais. Em outras palavras, homens e mulheres apresentam diferenças e semelhanças em vários aspectos, não podendo ser incluídas como diferentes ou semelhantes aquelas práticas subordinadas às concepções de homens e de mulheres dentro de um paradigma dicotômico. Homens estão a desenvolver atitudes em sala de aula que considerariamos como sendo do sexo feminino e, por outro lado, mulheres agem como se estivessem incorporando o lado masculino da relação com as crianças. Onde está o masculino e onde está o feminino? Há atitudes para ambos os sexos no desenvolvimento de práticas sociais, a exemplo do exercício da docência?

A realização deste trabalho, nos limites de seu tempo e espaço, não teve a intenção de dar conta da complexidade que é a prática docente do professor e da professora, nem de explorar as relações de gênero e de masculinidade implícitas ao fazer pedagógico. Sua pretensão foi a de levantar elementos que possam ser ampliados em estudos e práticas futuras.

Referências Bibliográficas

1. CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores homens na docência com crianças:** Homens fora de lugar? 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.
2. CARVALHO, M. P. de. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores. **Revista de Estudos Feministas**. V. 6. N. 02, Rio de Janeiro, 1998, p. 406-422.
3. FERREIRA, J. L. **Homens ensinando a crianças:** continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural. João Pessoa. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2008.
4. LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
5. LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

6. MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
7. MIRANDA, M. **Magistério Masculino: (re)despertar tardio da docência**. Recife: Editora da UFPE, 2011.